

AMÁLGAMA DE PERSPECTIVAS: A AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA ENQUANTO PROCESSO MULTIFACETADO

PAIVA, V. L. M. O. *Aquisição de Segunda Língua*. São Paulo: Parábola, 2014. 200 pp.

Comprometido em fornecer apontamentos teórico-reflexivos referentes aos estudos sobre a aquisição de segunda língua, o livro de Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva leva em consideração o fato de que a maioria das produções científicas concernentes à questão foi fundamentada em contextos socioeducacionais notadamente distintos do brasileiro, especialmente no que corresponde ao grau de contato ou familiaridade dos aprendizes com experiências reais envolvendo a segunda língua. Neste sentido, a obra da referida autora apresenta um aspecto inovador na medida em que, além de expor os principais modelos, teorias e hipóteses concernentes à aquisição de segunda língua, fornece ao leitor, na maioria dos capítulos, exemplos de narrativas de aprendizagem utilizados para subsidiar pressupostos correspondentes a cada estudo apresentado, por meio do depoimento de aprendizes tanto estrangeiros quanto brasileiros. Tal elemento diferencial, além de facilitar a verificação prática dos conceitos apresentados pelas diferentes perspectivas teóricas, permite observar questões relativas ao processo de aquisição de segunda língua a partir da perspectiva dos aprendizes.

A própria contracapa do volume, a título de exemplificação, é um componente de destaque na obra ao esclarecer o objetivo pretendido pela autora, que corresponde a apresentar aos leitores um aparato de perspectivas teóricas responsáveis por auxiliar a compreensão da questão em torno de como uma segunda língua é aprendida. Além disso, ainda na contracapa do livro, torna-se evidente o posicionamento crítico da autora frente aos estudos até então desenvolvidos, ao considerar que nenhuma das teorias apresentadas consegue, isoladamente, abarcar toda a complexidade em torno do processo de aquisição de segunda língua, contribuindo, contudo, para a compreensão de um ou mais elementos que compõem o conjunto maior de tal questão.

Anteriormente à apresentação dos capítulos, em uma seção de caráter introdutório, o volume apresenta esclarecimentos de Paiva acerca da publicação de seu livro, cuja conclusão, segundo a própria autora, foi favorecida por meio do apoio oriundo de agências de fomento e da Faculdade de Letras da instituição em que leciona. Esta consideração, da mesma forma como o próprio perfil acadêmico-profissional da autora, pode ser tomada como elemento distintivo favorável ao volume, cujo valor enquanto obra de referência acadêmica é oficialmente reconhecido. Ao enfatizar informações já contidas na contracapa do volume, especificamente no que corresponde ao distanciamento dos principais construtos teóricos disponíveis sobre aquisição de segunda língua com relação ao contexto brasileiro, a autora destaca a importância das narrativas de aprendizagem contidas no volume pois, por meio delas, torna-se possível associar as perspectivas teórico-metodológicas expostas a contextos e situações de aprendizagem com os quais muitos dos leitores poderão se identificar.

Em termos de organização, após a introdução, o livro está dividido em dez capítulos, cada qual responsável por apresentar os principais pressupostos relativos a modelos, hipóteses ou teorias de aquisição. A disposição dos capítulos não parece seguir, necessariamente, uma sequência temporal linear, ou seja, os estudos descritos não são apresentados em função da ordem cronológica em que foram realizados ou publicados à comunidade científica. Tal aspecto, porém, não prejudica a apresentação dos conteúdos feita pela autora, uma vez que, ao longo dos capítulos, ocorre a menção aos autores e anos de publicação de seus respectivos trabalhos, além de considerações referentes à aproximação ou distanciamento de alguns dos estudos com outras perspectivas, algo que permite aos leitores verificar possíveis relações de convergência ou discordância teórica entre os capítulos do volume. Para a realização desta resenha, optou-se por apresentar os capítulos na sequência em que aparecem no volume, privilegiando, sobretudo, a descrição geral de seus objetivos e conteúdos, paralelamente ao delineamento da relação das teorias neles apresentadas com questões referentes à linguagem, seguidas da exposição de apreciações e comentários críticos.

Assim, intitulado *Teoria Behaviorista-Estrutural*, o primeiro capítulo intenta apresentar os principais autores e obras concernentes à teoria behaviorista e descreve, inicialmente, as bases que compõem este

construto teórico, a saber, as Teorias de Aprendizagem postuladas, sobretudo, por Watson (1924) e Skinner (1957) e a Linguística Estruturalista, tendo Bloomfield (1933) como um dos principais expoentes. Este apontamento é tecido pela autora a partir de Ellis (1994), cujas considerações são largamente utilizadas ao longo de todo o livro para apoiar, contrapor ou complementar apontamentos realizados por outros autores associados a uma ou mais perspectivas teóricas. A constante menção aos apontamentos de Ellis pode ser considerada elemento favorável ao livro, uma vez que tal estudioso é indicado como uma das principais referências bibliográficas para aqueles que se interessam em estudar questões referentes à aquisição de segunda língua, sendo frequentemente utilizado tanto por cursos de graduação quanto de pós-graduação. No capítulo em questão, a autora também lança mão de apontamentos do próprio Watson, cujas colocações foram por ela trazidas para conceituar noções importantes da teoria, tais como *comportamento*, *estímulo* e *resposta*. Outros apontamentos de importância colocados por Skinner (1992) são, também, apresentados pela autora ao longo deste capítulo, a saber, a definição de *comportamento verbal* (acompanhada de sua classificação em tipos) e o conceito de *condicionamento operante* e seu papel para a aprendizagem.

Na seção destinada a abordar a vertente estruturalista, além da menção à Bloomfield (1993), Paiva destaca trabalhos de Robert Lado (1964) e apresenta uma síntese de suas principais colocações, dentre as quais se pode mencionar, com maior destaque, o papel da *lingüística contrastiva* para o ensino de línguas. O contraste de *significados culturais* entre línguas é, do mesmo modo, destacado como possível ponto problemático para a aprendizagem. Um elemento essencial apresentado no primeiro capítulo reside no fato de que este apresenta uma seção destinada, especificamente, a sintetizar as ideias expostas, permitindo aos leitores acessar, retroativamente, os principais conceitos referentes à teoria behaviorista-estrutural. Por fim, posicionamentos da própria autora podem ser verificados na seção destinada à conclusão do capítulo, tanto pelo uso da primeira pessoa do singular quanto pelas adjetivações feitas acerca da teoria behaviorista que, para Paiva, apesar de ter tido influência no ensino de línguas, não fornece explicação *convvincente* em torno da Aquisição de Segunda Língua (p.26).

O segundo capítulo (*Modelo Monitor, Hipótese do Input ou da Compreensão*) destaca os estudos de Stephen Krashen (1978, 1981, 1985 1995, 2000, 2004) na área da Linguística Aplicada e apresenta uma vasta gama de conceitos formulados por este estudioso, tais como o *modelo monitor*, os conceitos de *intake* ou *insumo absorvido* bem como o conjunto das *cinco hipóteses* que compõem sua teoria de aquisição, as quais são descritas de maneira objetiva a partir de excertos retirados de obras do autor produzidas em diferentes momentos. Chama a atenção o fato de a seção neste capítulo destinada a apresentar críticas ao modelo subdividir-se em duas partes. Na primeira delas, a autora elenca as principais críticas oriundas da comunidade científica, mencionando diversos estudiosos que apontam limitações ou mesmo refutam algumas das hipóteses colocadas por Krashen como, por exemplo, as noções de *aquisição* e *aprendizagem* as quais, para o autor, estão fundamentadas, respectivamente, em torno de processos inconscientes e conscientes, considerados pelos críticos de difícil definição e comprovação empírica. Na segunda parte, são apresentadas respostas colocadas pelo próprio Krashen às críticas que, eventualmente, poderiam ser direcionadas ao modelo por ele proposto.

É cabível mencionar o fato de que Paiva demonstra notável conhecimento do contexto histórico vivenciado por Krashen, salientando que muitas das críticas recebidas pelo autor são advindas do *objetivismo* que influenciava fortemente o fazer científico na época, reconhecendo somente o que era passível de observação¹. Paiva não se limita, contudo, a simplesmente apresentar um aparato de críticas aos estudos de Krashen, demonstrando nítido grau de maturidade enquanto pesquisadora ao reconhecer que produções deste estudioso impulsionaram a realização de inúmeras pesquisas científicas na área de Aquisição de Segunda Língua, ainda que muitas delas fossem destinadas a contrariar suas ideias.

No terceiro capítulo (*Modelo da Aculturação*), Paiva se propõe a apresentar de modo sintético os estudos de Schumann (1978), de acordo com o qual a aprendizagem de uma língua torna-se possível a partir do convívio com seus falantes, ocorrendo naturalmente. Para tal, a autora elenca fatores considerados por Schumann como influentes na aquisição, sendo os de ordem *social* e *afetiva* tomados como mais importantes. Ambos os fatores são, por sua vez, colocados pelo autor em uma única categorização, a saber, a noção de *aculturação*. Paiva

descreve, também, uma série de ramificações em torno tanto das variáveis sociais quanto afetivas, a partir de breves explicações sobre cada uma delas.

No referido capítulo, a maior contribuição da autora repousa, possivelmente, na seção destinada a expor críticas à teoria de Schumann, em que é possível verificar o olhar atento de Paiva para notar uma das maiores limitações ou lacunas concernentes ao modelo da aculturação, uma vez que este não contempla a questão da aquisição em circunstâncias em que determinada língua não é falada (p.58). Ao concluir o capítulo, Paiva destaca novamente tal limitação da teoria, contrastando-a com outros estudos, notadamente o da perspectiva da complexidade. Assim, para a autora, sob o prisma desta última teoria, a aquisição de uma segunda língua não poderia se reduzir à aculturação, devendo ser levadas em conta outras contribuições teóricas. Este posicionamento de Paiva reforça os apontamentos presentes na própria contracapa do livro pois, nele, expõe-se que nenhuma das teorias, modelos ou hipóteses sobre a aquisição de segunda língua devem ser desmerecidos.

O quarto capítulo (*Modelo da Gramática Universal*) apresenta as principais contribuições teóricas de Chomsky, coadunadas pela autora às questões de aquisição. Em linhas gerais, é notório o esforço realizado por Paiva para levantar obras importantes do estudioso em questão, as quais são descritas com riqueza de detalhes sem deixar de levar em conta suas contribuições para os estudos da linguagem. São contempladas, assim, obras de renome de Chomsky, tais como *Syntactic Structures* (2002), na qual é descrita a noção de língua por ele proposta, bem como outras referências que apresentam conceitos importantes no construto teórico deste estudioso, tais como a dicotomia entre *competência* e *desempenho*, as noções de *princípios e parâmetros*, os conceitos de *dispositivo de aquisição de linguagem* e de *Gramática Universal* assim como considerações sobre o *programa minimalista*.

Excertos de obras de Chomsky, ao longo da apresentação destes conceitos, são utilizados pela autora como forma de permitir ao leitor o acesso direto a algumas das ideias por ele desenvolvidas, algo que demonstra a preocupação de Paiva em realizar amplas pesquisas bibliográficas para expor considerações diretamente de suas fontes. Da mesma maneira como evidenciado no primeiro capítulo do volume, Paiva dedica parte de seu quarto capítulo para revisar os principais

aspectos concernentes às teorias de Chomsky, algo que favorece a compreensão do leitor frente às informações até então expostas. A fim de melhor organizar as ideias apresentadas, Paiva também destina ao quarto capítulo uma seção específica para abordar a questão de aquisição de segunda língua à luz das teorias de Chomsky, expondo pontos de concordância ou de atrito entre pesquisadores da área que lançam mão da teoria da *Gramática Universal* proposta pelo estudioso, mencionando exemplos que sustentam cada uma das posições.

A partir das considerações levantadas, a autora conclui que ainda não há estudos capazes de oferecer um modelo de aquisição de segunda língua suficientemente amplo para permitir a explicação de *princípios universais* que estariam envolvidos neste processo, visto que o modelo da *Gramática Universal* não leva em conta, por exemplo, aspectos *semânticos*, *pragmáticos* ou *sociais*, todos considerados por Paiva elementos importantes para a aquisição (p.82).

No quinto capítulo (*Modelo Conexionista*), apresenta-se uma abordagem de estudos que objetiva descrever o processo de aquisição de segunda língua sob a perspectiva da cognição. Sob tal prisma, assim, a linguagem não estaria separada dos demais tipos de cognição responsáveis, por exemplo, pelos sentidos do corpo humano. Para descrever a teoria do conexionismo, Paiva mobiliza estudos de diferentes fontes teóricas as quais, em conjunto, permitem ao leitor ter uma compreensão ampla do assunto.

Como aspecto de destaque, pode-se mencionar o fato de que a autora não se limita apenas a apresentar a teoria, mas a aproxima de outros estudos levantados, inclusive, em capítulos anteriores do livro. Tal aspecto evidencia-se logo nas primeiras páginas do capítulo, em que é possível notar a descrição do conexionismo em função de seu distanciamento com as hipóteses da linguagem enquanto elemento inato. Ademais, ao longo do capítulo, é possível notar, ainda, a apresentação de aspectos que valorizam características específicas do conexionismo, tais como o fato de este preconizar que a aprendizagem não ocorre de forma *linear*, em *etapas sequenciadas* (conforme prega o behaviorismo), mas sim de maneira *paralela ou simultânea* e em diversos locais do cérebro (p.92). Estes mesmos elementos diferenciadores são retomados por Paiva na conclusão do capítulo, para quem “Justiça deve ser feita ao conexionismo no que diz respeito à suposta semelhança com o behaviorismo.” (p.97), uma vez que os

estudos conexionistas procuram descrever o processo de aprendizagem a partir das vivências sociais dos sujeitos e não através da automatização de comportamentos.

A *Hipótese da Interação*, apresentada pelo sexto capítulo do volume, é colocada como contraponto ou reação à teoria que privilegia o *input* defendida pelos estudos de Krashen (abordados no segundo capítulo do livro), tendo como principais contribuintes os trabalhos desenvolvidos por Michael Long (1980, 1996) e Hatch (1978). Em linhas gerais, Paiva oferece descrições pontuais e acuradas que permitem ao leitor apreender tanto o percurso histórico quanto o conceito referente à hipótese da interação, a qual sugere que “[...] os aprendizes de língua precisam ser participantes ativos quando recebem *input*, pois ouvir apenas estruturas linguísticas não é suficiente para a aprendizagem bem-sucedida de uma língua.” (p.101-102). É cabível mencionar que, além da exposição do conceito, Paiva descreve as principais *estratégias interacionais* mobilizadas pelos aprendizes durante a pesquisa conduzida por Long (1980) em sua tese de doutorado, fornecendo exemplos para cada uma delas. Para expor as principais críticas à teoria, a autora lança mão, sobretudo, dos apontamentos de Rod Ellis (1991), dentre os quais se destaca a carência de evidências para dar suporte à referida hipótese. Na seção do capítulo dedicada à apresentação das críticas, a autora demonstra, novamente, nítida postura profissional, pois é capaz de apontar lacunas existentes no próprio julgamento de Ellis frente aos estudos de Long, salientando que o primeiro “[...] também não tem suporte nem teórico e nem empírico suficientes para dar suporte à proposta.” (p.107).

Por fim, a conclusão do capítulo poderia ser desenvolvida de melhor maneira caso a autora mencionasse expressamente quais elementos advindos de outras teorias favoreceriam a complementação da hipótese da interação. Este aspecto, porém, em nada compromete a qualidade dos apontamentos tecidos ao logo do capítulo, uma vez que Paiva menciona uma vasta gama de pesquisas nacionais e internacionais que se dedicaram a abordar a questão da interação, demonstrando alto rigor e capacidade de organização no levantamento de referências bibliográficas, a fim de que leitores mais interessados possam, eventualmente, consultá-las enquanto fontes adicionais de informação.

A *Hipótese do Output ou da Lingualização* presente no sétimo capítulo do volume toma como principais contribuições teóricas os

estudos desenvolvidos por Swain (1985, 1995, 2005), para quem a questão da relação entre *input* e *output* deve ser objeto de atenção. Paiva descreve, assim, que para a referida estudiosa o *output compreensível* é tão essencial quanto o *input* para a aquisição de segunda língua. Para melhor descrever a hipótese, a autora menciona detalhadamente uma das pesquisas realizadas por Swain (2005) responsável por sustentar tal hipótese, apresentando aos leitores os instrumentos de coleta de dados utilizados pela pesquisadora para cada uma das competências (gramatical, discursiva e sociolinguística) que se propôs a abordar.

Além disso, Paiva utiliza excertos da própria estudiosa para descrever as principais funções do *output* por ela propostas (função da percepção/*noticing*, testagem de hipótese e função metalinguística). Críticas direcionadas à Swain são expostas pela autora a partir de Krashen (1998), para o qual a aquisição é possível ainda que não haja produção e a insistência em solicitar que aprendizes falem não é vista como ação positiva. Paiva, ao se posicionar frente a tal crítica colocada por Krashen, a adjetiva como “muito radical”, assumindo que, particularmente, não descarta tanto a hipótese do *input* quando a do *output* compreensíveis (p.122). A autora reconhece, por fim, ambas as hipóteses como importantes para o processo de aquisição e alerta para o aperfeiçoamento de pesquisas destinadas a abordar tais questões mencionando, na conclusão do capítulo, trabalhos sobre o tema conduzidos, inclusive, no contexto brasileiro.

Intitulado *Teoria Sociocultural*, o oitavo capítulo do livro objetiva expor contribuições teóricas de Vygotsky (1978) sobre a relação entre desenvolvimento e linguagem, embora a própria autora ressalve que tanto o uso do termo “sociocultural” quanto a questão da aquisição de segunda língua não foram expressamente abordados por este estudioso, algo que não desmerece, contudo, seus trabalhos, visto que muitos deles influenciaram pesquisas posteriores que se dedicavam a abordar a questão da aquisição (p.127). A introdução do capítulo esclarece ao leitor os principais conceitos que serão apresentados, a saber, *mediação*, *zona de desenvolvimento proximal*, *fala privada* e *andaime*, comprometendo-se a abordar a apropriação ou reformulação destes em pesquisas destinadas especificamente à aquisição de segunda língua.

Ao decorrer do capítulo, nota-se o empenho da autora tanto para definir tais conceitos com precisão quanto para expor exemplos, utilizando excertos advindos de obras do próprio Vygotsky para

reforçar ou ilustrar ideias apresentadas, além de tecer comparações com outros estudos como os de Piaget. Um elemento chamativo repousa no fato de que, para exemplificar a noção de *fala privada*, além de mobilizar narrativas de aprendizagem presentes em muitos dos capítulos, a autora menciona aspectos da própria experiência que vivenciou enquanto aprendiz de uma segunda língua, ação que, de certa maneira, a aproxima do público leitor e gera com ele certo grau de confiança e identificação.

Na seção conclusiva, Paiva sintetiza a perspectiva da teoria sociocultural coadunada à aquisição de línguas, ao lançar mão das contribuições de referências como Ohta (2000). A autora conclui, assim, que muitos dos exemplos retirados tanto das narrativas de aprendizagem quanto de outras pesquisas mencionam o papel da *mediação* como elemento relevante à aquisição. Ao assumir posicionamento crítico, contudo, Paiva atenta para o fato de que o ambiente pode, também, apresentar impactos negativos sobre o desenvolvimento de aprendizes, mencionando um estudo próprio conduzido em 2010 responsável por demonstrar que tanto outros colegas como até mesmo professores podem influenciar negativamente um aprendiz por meio, por exemplo, de exigências que transcendem suas possibilidades e da crítica em excesso ou imerecida (p.140). Como último apontamento, embora não haja uma seção destinada exclusivamente a tecer críticas à teoria sociocultural, estas aparecem na conclusão a partir das ressalvas colocadas pela própria autora embasada em seu estudo, aspecto que, por fim, supre essa lacuna e confere maior validade ao capítulo por não desconsiderar possíveis limitações da teoria.

Intitulado *Aquisição de Segunda Língua na Perspectiva da Complexidade*, o penúltimo capítulo do livro busca estabelecer conexões entre a *ciência da complexidade* e a *aquisição de segunda língua*, apontando pesquisas de Diane Larsen-Freeman (1997, 2002, 2007) como pioneiras na abordagem do diálogo entre estes dois elementos. Apoiando-se em estudos da referida pesquisadora, Paiva dedica uma seção exclusivamente à exploração de conceitos básicos referentes aos *sistemas complexos*, por meio do delineamento de suas propriedades, as quais são apresentadas em linguagem concisa e permitem ao leitor familiarizar-se com os principais aspectos característicos dos sistemas complexos. Noções importantes para o

entendimento da teoria, tais como a de *atrator*, *atrator estranho* e *fractal* são, também, definidas e explicadas pela autora.

Na seção subsequente, Paiva explicita sua visão adotada para definir a língua/linguagem e procura arregimentar argumentos para sustentar seu ponto de vista a partir de pesquisas de Larsen-Freeman. Assim, para a autora, a noção de língua/linguagem corresponde a *sistemas dinâmicos* e *não-lineares*, *adaptativos* e formados pela relação entre elementos de ordem *biológica*, *cognitiva*, *social*, *histórica*, *cultural* e *política*, os quais possibilitam aos sujeitos *pensar e agir* socialmente (p.144). Torna-se evidente, a partir do exposto, que Paiva adota uma perspectiva multidimensional para conceituar a linguagem, sendo o processo de aquisição de segunda língua definido a partir deste mesmo ponto de vista.

Ao longo do capítulo, fica evidente a adesão da autora à perspectiva da complexidade, sobretudo por meio de colocações realizadas na primeira pessoa do singular as quais permitem ao leitor confirmar sua afinidade para com a teoria. Assim, para Paiva, sob o prisma da complexidade, diferentes teorias, ainda que conflitantes, podem ser mobilizadas a fim de tentar explicar o multifacetado processo de aquisição de segunda língua. Para fins de exemplificação, Paiva fornece uma esquematização gráfica que ilustra a aquisição de segunda língua enquanto sistema complexo, levando em conta diversos elementos expostos por outras teorias descritas em capítulos anteriores do volume, tais como as *estruturas mentais inatas*, a *mediação sociocultural* e a *interação*, por exemplo.

Atrai a atenção o fato de que as linhas utilizadas pela autora para representar cada elemento estão entrelaçadas, dando suporte à ideia de que estes estão em constante movimentação, enfatizando a visão do fenômeno da aquisição enquanto processo dinâmico e aberto. Ao concluir o capítulo, a autora descreve brevemente uma proposta de abordagem de ensino de segunda língua embasada a partir da perspectiva da complexidade e menciona possíveis benefícios que poderiam ser trazidos às práticas de ensino a partir de sua adoção. Diferentemente dos capítulos anteriores, críticas à teoria exposta não são apresentadas nesta parte do volume, algo que pode ser tomado como elemento desfavorável ao nono capítulo por não permitir ao leitor ter acesso às possíveis limitações características da perspectiva da complexidade.

Tal aspecto pode ser parcialmente sanado, porém, a partir da leitura das críticas direcionadas aos outros estudos teóricos apresentados ao longo do volume, muitos dos quais são levados em conta para compor a perspectiva da teoria apresentada. É evidente, porém, que a verificação pelo leitor das críticas a cada teoria feita de maneira isolada não assegura, analogamente, a compreensão geral das limitações da perspectiva da complexidade. Por fim, embora a autora reconheça que em narrativas de aprendizagem podem ser encontradas evidências que dão suporte à visão do processo de aquisição de segunda língua enquanto sistema complexo, estas não estão presentes no capítulo em questão. A utilização de narrativas sobre experiências de aprendizagem de línguas poderia conferir, como ocorre nos demais capítulos, maior consistência às ideias apresentadas e fornecer subsídios para validar a perspectiva teórica trazida pelo capítulo em questão.

No último capítulo (*Outras Teorias*), a autora apresenta a revisão de quinze teorias sobre aquisição de segunda língua. Dentre algumas delas, podem-se mencionar estudos de pesquisadores como Barry McLaughlin (*Teoria de Processamento da Informação*), Larry Selinker (*Teoria da Interlíngua*) e Rod Ellis (*Modelo da Competência Variável e Teoria CREED Associativo-Cognitiva*), geralmente indicados ou mencionados em disciplinas de cursos de graduação ou de pós-graduação que se dedicam a abordar questões referentes à aquisição ou ensino/aprendizagem de línguas. O recorte realizado por Paiva parece, assim, contemplar os principais estudos concernentes à área e fornece ao leitor a oportunidade de conhecer pressupostos básicos de cada um deles. Deste modo, além dos estudos realizados pelos autores já apontados, cabe mencionar que as demais seções apresentadas no último capítulo objetivam descrever as seguintes teorias, abordagens e modelos: *Modelo ACT*; *Teoria funcional-tipológica*; *Abordagem orientada para o conceito*; *Modelo da competição*; *Teoria neurofuncinal*; *Modelo multidimensional*; *Modelo cognitivo-interacionista*; *Teoria da acomodação*; *Abordagem da identidade*; *Teoria da atividade* e *Modelo dialógico*.

Como apontamentos finais, o volume resenhado apresenta elementos (tanto estruturais quanto em termos de conteúdo) notadamente positivos. Todos os capítulos apresentam seções destinadas a finalidades específicas, tais como introduzir os construtos teóricos levantados, apresentar suas características, tecer críticas e

conclusões e fornecer narrativas de aprendizagem que contribuem para sustentar as perspectivas exploradas. Ademais, ao final do livro, é possível encontrar um glossário de termos concernentes à área de aquisição e ensino/aprendizagem de línguas, possibilitando aos leitores o acesso rápido e preciso a muitos dos conceitos e teorias apresentados ao longo do volume. Paiva, seguramente, fez de seu livro uma importante obra de referência para estudantes e professores da área ou interessados na questão da aquisição, a partir da exaustiva pesquisa bibliográfica e da organização de temas imprescindíveis ao fornecimento de uma visão robusta e abrangente sobre o complexo e multifacetado processo de aquisição de língua, seja esta materna ou estrangeira.

Rogério Macedo de Oliveira

Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em
Linguística da UFSCar

Referências Bibliográficas

HOLMES, J. (1992). “Research and the postmodern condition: the changed nature of doing research in applied linguistics”. In: PASCHOAL, M. S. Z; CELANI, M. A. A. (orgs). *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: Educ, p.38-42.

Notas

¹ Holmes (1992, p.39-40) descreve que a orientação clássica utilizada nas investigações científicas foi, tradicionalmente, o *modelo científico positivista*, o qual influenciou fortemente as Ciências Sociais com a objetividade preconizada pela *perspectiva quantitativa* sendo, durante um longo período, o único modelo disponível para pesquisadores de quaisquer campos do conhecimento (incluindo linguistas aplicados). Tal quadro, porém, começa a se alterar com maior expressividade entre o final da década de setenta e o início da década de oitenta, delineando o crescente aumento da importância da *abordagem interpretativista* para as investigações sobre aprendizagem de línguas. (*Ibid.*, p.41)